

## **Imagens em movimento na Educação Infantil<sup>1</sup>**

Maria das Graças Pinto Coelho <sup>2</sup>

Professora do Curso de Comunicação Social da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - [gpcelho@ufrnet.br](mailto:gpcelho@ufrnet.br)

Sandro da Silva Cordeiro <sup>3</sup>

Mestrando do Programa de Pós-Graduação da UFRN - [sandcord8022@yahoo.com.br](mailto:sandcord8022@yahoo.com.br)

Este trabalho fornece uma reflexão acerca da presença da televisão no cotidiano infantil. Aponta para a necessidade da incorporação da natureza dos meios de comunicação e informação nas propostas educativas de maneira a promover a aproximação das duas áreas na imbricação de suas respectivas epistemologias. Propõe o desenvolvimento de uma acuidade visual pelo corpo discente, salientando o papel do educador enquanto promotor desta empreitada. Para tanto, apresentamos uma pesquisa de campo, realizada em algumas escolas públicas e privadas de Educação Infantil da Grande Natal, buscando mostrar em perspectiva os professores utilizam as linguagens nesta etapa da escolarização, priorizando os elementos televisuais.

Palavras-chave: Televisão – Educação Infantil – Linguagens – Formação de Professores

### **Introdução**

A investigação em evidência constitui-se num recorte de uma pesquisa realizada junto a professores de Educação Infantil da Grande Natal, objetivando discutir sobre as relações estabelecidas entre mídia e educação. Através de entrevistas semi-estruturadas direcionadas a professores e orientadores educacionais, assim como observações nas salas de aula em momento nos quais a TV foi utilizada com intenção pedagógica, pudemos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação Educativa, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Este núcleo está sob a coordenação do prof. Dr. Belarmino Guimarães Costa (UNIMEP).

<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Integrante da base de pesquisa Meios de Comunicação e Educação. Coordenadora do Grupo de Estudos de Mídia do Departamento de Comunicação Social DECOM-UFRN E-mail: [gpcelho@ufrnet.br](mailto:gpcelho@ufrnet.br)

<sup>3</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, na linha de Pesquisa Educação Linguagem e Formação do Leitor. Membro da base de pesquisa Meios de Comunicação e Educação. E-mail: [sandcord8022@yahoo.com.br](mailto:sandcord8022@yahoo.com.br).

coletar algumas informações significativas para uma posterior análise, buscando extrair o discernimento dos professores acerca da televisão e das possibilidades de realização de uma leitura crítica dos meios de comunicação em solo educativo.

Elegemos, neste trabalho, uma das categorias de análise desenvolvidas, a qual recebeu a denominação de “Televisão em solo educativo”, concebida mediante a análise de alguns questionamentos em torno da introdução da linguagem da TV no interior da Educação Infantil.

Para direcionar esta categoria de análise, a entrevista partiu de alguns pontos eleitos como fundamentais a esta discussão. Em linhas gerais, as falas foram direcionadas para os procedimentos empregados no uso da televisão na educação e seus possíveis benefícios.

O primeiro item estava ligado à utilização da linguagem da TV na Educação Infantil. O seguinte, indagava sobre a existência de algum projeto formal enfocando a leitura crítica da televisão. O terceiro, sobre a realização de um trabalho pedagógico com a recepção da TV aberta com as crianças. E, por último, a influência desse meio de comunicação na construção do imaginário.

Em se tratando do uso da TV com intuito pedagógico, todos os relatos evidenciaram a prática de um procedimento considerado clássico. Tal intervenção estava baseada numa conversa inicial, com o intuito de direcionar o olhar sobre a produção, a exibição propriamente dita e posterior discussão recapitulando alguns pontos considerados essenciais para o estudo desenvolvido pela turma.

São notados o predomínio de filmes com classificação etária infantil e de documentários educativos, como os gêneros preferidos pelos professores. Conforme observado e indagado aos educadores, acredita-se que estes possuem um formato mais científico, devendo ter uma forte ligação com os estudos desenvolvidos em sala naquele momento, tendo um caráter complementar sobre as informações já transmitidas aos alunos, podendo ser usado para introduzir uma temática, aprofundar ou finalizar as atividades escolares. Já os filmes infantis possuem um formato específico e não necessariamente tem a intenção de educar. Podem ter ou não uma vinculação com os estudos desenvolvidos em sala podendo, simplesmente, ser utilizado em momentos de lazer com a turma, sem finalidades propriamente educativas, predominando o seu aspecto de entretenimento. De forma geral, este foi o entendimento organizado pelos professores. Corroborando com o

parágrafo acima, expressando suas opiniões acerca dos gêneros levados à sala de aula, segue abaixo algumas falas:

O que a gente teve acesso eram documentários mesmo. Quando a gente utilizou a questão da dança. Mas a gente levava também filmes, escolhi filmes que a gente pudesse tá fazendo uma ponte, um paralelo com esses que a gente ia trazer e que tivessem assim mais, que pudessem chamar mais a atenção das crianças. Assim, como a gente faz com as histórias, a gente fazia um trabalho anterior e assim, geralmente o filme, o vídeo que a gente utiliza tem alguma coisa, não é um filme escolhido ao acaso. Tem alguma coisa a ver com o que a gente está pretendendo fazer, tem alguma coisa a ver com o que está sendo feito na escola (Céline).

Já utilizamos. Aqui nós utilizamos a televisão como aparelho mesmo, né? Junto com o DVD e o vídeo, a gente procura mostrar fitas que se encaixam nos temas de estudos nossos. Ai nós levamos até televisão (Marie).

Existe toda uma discussão que preconiza o uso deste ou daquele gênero audiovisual na sala de aula. Na maior parte das vezes, existe um privilégio em relação aos documentários e dos filmes históricos, baseados em fatos reais. Como nos recomenda Monteiro e Batista, existem outras possibilidades:

O documentário não é o único gênero a trabalhar conceitos e conteúdos. Uma comédia, um desenho animado, um clássico, ou mesmo um filme lento e difícil (se souber escolher um bom trecho e explorá-lo de forma interessante) podem ser inseridos com sucesso em um programa de trabalho (MONTEIRO, BATISTA, 1998, p. 31).

Na verdade, o papel fundamental das produções audiovisuais se concentra na possibilidade de mostrar a realidade às crianças de um modo indireto (através de representações do real ou ficcional), sempre que não houver a possibilidade de um contato direto, tornando-a mais próxima e possibilitando uma ampliação considerável do nosso olhar e alcançando outras realidades. A percepção das imagens não supõe, obviamente, um contato com a realidade em si, mas com a sua representação. É uma espécie de réplica, que substitui a situação real, dando uma idéia aproximada do fato ocorrido no plano do real. O importante é que a presença dos recursos audiovisuais esteja atrelada à existência de um

planejamento prévio, da elaboração de estratégias educativas, com finalidades bem definidas.

Além das sugestões explicitadas acima, ainda acrescentaria alguns materiais contidos na TV aberta, assistidos assiduamente pelos telespectadores infantis. Considerando tamanha frequência e a incorporação das personagens nas falas das crianças, nas brincadeiras e momentos de descontração, é conveniente trazer a tona estes seres do mundo ficcional, estabelecendo discussões sérias e buscando a origem e a composição destes, ajudando as crianças numa maior compreensão baseada no senso estético e crítico.

Uma das orientadoras pedagógicas entrevistadas enquadrou o uso da televisão, acoplada ao vídeo ou DVD, como um recurso eficaz no trabalho com histórias infantis, alegando o poder e o fascínio exercido por estes recursos entre o público infantil. Uma outra possibilidade de trazer as histórias, num formato que reúne imagens e sons em harmoniosa composição:

A primeira possibilidade, principalmente com as turmas pequenas, onde o tempo de concentração é muito pouco, a gente viu que essa é uma possibilidade de viabilizar acho que um tempo maior das crianças concentradas numa história. Então, a gente percebeu que, além dos recursos que a professora tem de livros e voz, de estar contando ou estar lendo um texto de literatura para as crianças, outra possibilidade foram as crianças estarem trabalhando também com os fantoches. Ai tem de novo a professora, a voz, movimentando esses bonecos, contando essas histórias com outros elementos. Outro jeito que a gente tem é uma caixinha de histórias, onde as crianças possam estar, a partir de alguns indícios que são tirados da caixinha, estarem construindo esses contextos, esse enredo. A televisão e o vídeo na nossa experiência é também uma das estratégias para a gente estar trazendo para essas crianças essas histórias infantis com outros elementos. Elementos da mídia, elementos da televisão. Então, elas podem ver essas figuras se movimentando, outros sons e vozes, vozes do lobo falando, os porquinhos, Branca de Neve. Tem o elemento da música que chama muito a atenção, principalmente das crianças menores. Então, a televisão tem esse aspecto, como um recurso da literatura, recurso literário (Marine).

Comentando sobre a habilidade da TV na arte de contar histórias, estabelecendo uma rápida linha de tempo sobre como eram contadas em outros tempos e suas atuais determinações narrativas, Monteiro e Batista estruturam o seguinte comentário:

Na aldeia de antigamente, o velho sábio reunia os mais jovens em volta da fogueira para contar histórias; já o livro levou as histórias, por meio da palavra escrita, a um número bem maior de pessoas. Hoje, a televisão reúne em torno dela famílias do mundo inteiro e conta histórias e elas, com imagens e sons (MONTEIRO, BATISTA, 1998, p. 25).

Além de objetivos de cunho pedagógico, existem outras intenções pelas quais os professores optam em trazer a TV para a sala de aula. O entretenimento das crianças também é um forte motivo que leva os professores a pensar numa possível introdução da televisão no cotidiano escolar embora, muitas vezes, esta proposta de uso não venha acompanhada de um planejamento prévio. Para estas ocasiões, as produções *hollywoodianas* infantis, assim como os desenhos em evidência no momento, são os mais empregados. Sobre a ligação estabelecida entre a TV e o entretenimento, destacamos algumas falas elucidativas:

Utilizei poucas vezes a televisão. Foi mais pra colocar eles assistindo algum desenho, algum filme da preferência deles. A intenção era só deixar eles assistindo mesmo, porque eles pediam muito. Aí, cedendo aos pedidos das crianças, eu trouxe um filme infantil da *Disney* e eles adoraram, pediram até para repetir (Paulette).

Geralmente, uso a TV para dar um divertimento aos meninos. Sempre depois de alguma atividade, já quase no final do horário, acabo levando eles para assistir a algum filme, porque eles sempre ficam insistindo. É mais para o lazer mesmo, os deixo vendo e se divertindo, como recompensa pelo dia de trabalho (Dominique).

Somente numa das entrevistas realizadas, a professora partiu de uma necessidade maior para o emprego dos audiovisuais, o qual se transformou num projeto formal envolvendo toda a turma. Foi um problema imediato e particular, que não repercutiu em toda a instituição de ensino. Entretanto, a empreitada surtiu alguns efeitos positivos, como desvelado a seguir:

Realizei um projeto envolvendo a TV numa turma de nível 2. Porque assim, eu senti a necessidade da turma. Era a turma que mostrava uma certa agitação diferente. Isso tava prejudicando o bom andamento da sala e aí eu me preocupei. Então eu fui procurar onde estava o X da questão.

Então a gente começou a observar, começou a observar os pais, fazer entrevista com os pais, de maneira mais sutil, sem nada definido. Então, quando a gente descobriu que a necessidade das crianças era nesse sentido, porque a maior parte delas passava a maior parte do tempo na frente da televisão, sabe? Deixava de ser pai e passava esse papel para a televisão. Então, assim, a gente sentiu essa necessidade e daí começou a elaborar o projeto. A importância da TV, até que ponto a TV era importante na vida da criança, daqueles alunos que estavam sentindo aquela necessidade. Então, a gente começou a fazer observação, observou, depois começamos a investigar os conhecimentos prévios dos alunos, o que eles achavam e aí a gente descobriu que os programas que eles estavam assistindo era onde tava o X da questão, aponta agressividade, aponta a agitação. Então, isso tava sendo de fundamental importância na vida deles. Tinham alguns que achavam que se transformavam. Por exemplo, um dos desenhos mais assistidos por eles era as *Bleibleides*. Eles se transformavam em *Bleibleides* dentro da sala. Quando eles não tinham nada girar, eles se transformavam em *Bleibleides* e começavam a girar. Giravam tudo, lápis, cadernos, tudo, era uma febre. A gente começou a observar isso e aí desenvolveu o projeto em cima disso resgatando os valores, a gente procurou envolver os pais no projeto, mandamos pesquisa pra casa. Então, o projeto foi muito interessante porque eles percebiam que aquilo ali não era tão legal. Quer dizer, eles podiam e tinham como ver programas melhores (Veronique).

Numa das observações realizadas, denominadas “Sessões de audiovisuais<sup>1</sup>”, pudemos verificar como as professoras realizavam o procedimento de emprego da TV em solo educativo. Desse modo, tivemos a oportunidade de constatar como ocorria a sistemática de atuação dos docentes diante desse recurso tecnológico e a metodologia empregada nestas situações planejadas.

Observamos uma turma com alunos entre 4 e 5 anos de idade. A sala observada tinha como tema de pesquisa “Os dinossauros”. Por este motivo, o vídeo proposto girava em torno desta problemática, servindo como forma de complementar as informações já coletadas durante toda a trajetória de estudos, servindo para confirmar ou mesmo refutar as hipóteses e materiais coletados.

A produção exibida era denominada “Dinossauros: os maiores animais de todos os tempos”. Em forma de desenho animado, contava a história da evolução dos dinossauros, passando por alguns aspectos como alimentação, reprodução, chegando até a sua extinção e as várias hipóteses construídas pelos cientistas para tal catástrofe.

---

<sup>1</sup> Observamos, ao todo, quatro sessões de audiovisuais. Optamos em mostrar apenas duas no decorrer do trabalho, considerando a constatação dos mesmos procedimentos nas demais sessões.

Teve uma duração média de 20 minutos, na qual os alunos permaneceram numa sala destinada para tal atividade. Este recinto da escola possuía uma TV com vídeo e DVD e os alunos assistiam sentados no chão. Durante a exibição, os discentes faziam comentários de admiração com as imagens, mostravam para os colegas alguns trechos considerados interessantes ou permaneciam em silêncio contemplando a produção. .

Terminada esta etapa, os alunos foram conduzidos novamente à sala, para então ser iniciada a discussão referente ao que haviam visto no documentário. A professora usou a seguinte sistemática: foi perguntando aos alunos, um a um, sobre alguns pontos vistos no filme, elegendo algumas informações que seriam essenciais para a compreensão do tema de pesquisa. Muitos demonstraram empolgação e até acabavam respondendo para os colegas que não estavam dispostos a responder. Desse modo, ela retomou os pontos que havia salientado antes da exibição do filme, estabelecendo um paralelo entre os elementos estudados e aqueles vistos no filme. Desse modo, como já salientado anteriormente, essa produção foi utilizada como forma de reforçar as informações vistas em outro momento, garantindo um arsenal maior de dados e enriquecendo conseqüentemente o estudo em desenvolvimento, como mais um recurso para captar novos conhecimentos.

Em outra turma, com alunos entre 3 e 4 anos de idade, verificamos a exibição de um filme, com produção dos estúdios *Disney*, denominado “A bela adormecida”. Esta exibição tinha como objetivo entreter os alunos e proporcionar a eles um momento de lazer durante o horário de aulas. Foi apresentada como um momento para finalizar as atividades do dia. As crianças guardaram o seu material escolar e ficaram sentadas no chão da sala vendo o filme. Não houve uma conversa antes, durante ou depois do término da produção audiovisual. Os alunos comentavam alguma coisa entre si, mas a professora não explorou em nenhum momento este filme.

Segundo afirmaram todos os professores, a TV aberta era utilizada de forma assistemática, não se configurando dentro de um projeto formal. Através da fala das crianças, que traziam informações sobre os programas assistidos diariamente, os professores acabavam tendo que emitir algum comentário a respeito deles. Entretanto, essas informações não se transformavam em temas de pesquisa, pois não suscitavam o interesse desses professores para planejar e ampliar. Portanto, notamos a ausência de um projeto formal contemplando a televisão.

Sobre a influência dos meios de comunicação na construção do imaginário infantil, encontramos algumas falas esclarecedoras, baseadas nas observações das professoras tanto em sala de aula, quanto em momentos de descontração das crianças no recreio:

A influência é muito grande. As crianças se envolvem muito com o que vêem. Nas brincadeiras elas acabam retratando muito que vêem em novelas, por exemplo. Sem contar nos desenhos violentos, que as crianças ficam tentando imitar os golpes, mudam seus nomes para os nomes dos personagens (Paulette).

Nas brincadeiras, brincadeira de luta, nas imitações da Xuxa, da Eliana quando eles estão dançando. Como eles são muito pequeninhos, eu acho que fica por ai o imaginário. Às vezes, no medo também. O medo das coisas reais, assalto, crime, de dez em quando eles dormem um pouquinho mais tarde, acabam vendo e trazendo pra sala (Cécile).

Ao serem indagadas sobre a influência da televisão no imaginário infantil, duas educadoras vislumbraram a existência dos benefícios e os malefícios de um contato diário e exacerbado. Mostrando o lado positivo das personagens e também apontando outras possibilidades de programas aos quais eles podem ter acesso, veiculados por programas educativos da TV aberta.

Tem o lado positivo e o lado negativo na construção desse imaginário mesmo, para que eles possam entrar no mundo do faz-de-conta, principalmente desses personagens que são tão atrativos pra eles, de uma forma boa porque eles possam criar novos personagens, mas que a gente ta sempre buscando o lado bom desses personagens e mostrando também pra eles que tem outras formas, não só através da violência. Esses personagens, que são todos voltados para a violência, de que forma que a gente pode ser, o tipo desse personagem, mas que ele esteja voltado para o bem e para a não violência. O PESQUISADOR INDAGA SOBRE O MOMENTO DA RODA, SE NESSA OCASIÃO DA ROTINA DA SALA DE AULA JÁ SURTIU ALGUMA OPÓRTUNIDADE DE FALAR SOBRE A PROGRAMAÇÃO DA TV ABERTA: Só a TVU em relação ao “Cocoricó”, que passa, o “Castelo Ratimum”, que eles assistem e eles comentam, inclusive tem umas que vivem cantando as músicas que passam. Então a gente procura cada vez mais despertar esse lado pra esse tipo de filme, de programação (Elise).

Tem coisa que ajuda, mas já têm outras assim, quando são desenhos ou programas construtivos vai estimular a criatividade da criança, até ele ter um conhecimento maior que seja bom pra ele. Agora, quando é um programa

que não seja legal, ele vai construir do lado negativo. É muito assim polêmico isso aí, porque tanto ela influencia para o lado negativo como para o lado positivo (Juliette).

Ficou nítida a preocupação por parte de várias educadoras, com a existência do lado positivo e negativo introjetados pela televisão na construção do imaginário infantil. Da mesma forma que a mídia pode trazer informação e entretenimento, também são expressos outros aspectos tais como a violência, atitudes incorretas de conduta social, valores distorcidos, dentre outros malefícios.

Cambi nos informa pontualmente sobre os novos espaços de formação do imaginário e das modificações que isso acarreta. Este autor considera que a primeira formação do imaginário não passa mais pelo mundo familiar ou das culturas locais, sendo agora dominada pela televisão, absorvida por horas a fio pelas crianças. E, agindo sobre o imaginário, penetra com seu alimento na personalidade infantil, determinando condicionamentos de gêneros variados: provocando homologações planetárias, transcontinentais e transculturais (a aldeia global), ativando processos cognitivos diferentes do passado, regulando modas, consumos, modelos de comportamento (CAMBI, 1990, p. 411).

Sobre a relação estabelecida entre indivíduos, o real, televisão e imaginário Maria Rita Kehl nos mostra a seguinte fala:

(...) a relação com o real, naquilo em que ela se dá por meio da mediação do discurso televisivo – e quase que independentemente dos conteúdos desse discurso – é uma relação imaginária, que se rege prioritariamente pela lógica da realização de desejos. Portanto, prescinde do pensamento (KEHL, 1995, p. 171).

Kehl ainda alerta que a TV representa para imaginário infantil as funções que deveriam ser exercidas pela mãe. Este aparelho acompanha a criança em boa parte do dia, tendo em vista o ritmo frenético de trabalho dos pais e as ausências diárias e constantes. Sem a presença de um adulto para estabelecer as devidas mediações, a criança entra em contato com diversos discursos, de ordem real e ficcional, fruindo numa linguagem constante e que muitas vezes se mostra confusa. *E o mundo se apresenta a ela, via tevê, como uma espécie de ficção totalitária: as coisas são como estão postas desde sempre, não há temporalidade ou*

*historicidade no mundo construído via tevê: mas as coisas também não são exatamente reais* (KEHL, 1995, p. 172).

De modo geral, os professores possuem um repertório muito limitado quando se trata da utilização de algum recurso na educação. Usualmente, seu trabalho está pautado no emprego do quadro, do giz e, quando muito, do livro didático. Este fato está fortemente vinculado à ausência de conhecimentos específicos, tal como preconizado na fala de Monteiro e Batista:

Existe uma distância muito grande entre o que é ensinado pelos cursos de Educação e a vivência dos alunos em seu dia-a-dia. De acordo com a orientação que recebe, a grande maioria dos professores pauta seu trabalho pela utilização do livro e, quando recorre a meios apenas visuais, os usa como ilustradores dos conteúdos disciplinares (MONTEIRO, BATISTA, p. 19).

O último item da citação vai de encontro à maioria das falas das professoras, que somente vincularam o emprego da televisão em sala de aula aos conteúdos didáticos abordados em seus planejamentos ou projetos. É preciso esclarecer que essa é apenas uma das inúmeras possibilidades. A TV aberta ainda se configura como uma fonte rica e inesgotável de materiais, seja usando-a para estabelecer algum tipo de crítica ou mesmo na abordagem de um tema de interesse da turma.

Em consonância com este pensamento, Marcos Napolitano estimula a utilização do conteúdo da TV aberta na proposição de atividades acadêmicas.. Em sua obra intitulada “Como utilizar a televisão em sala de aula” propõe o uso de alguns procedimentos metodológicos visando à integração da televisão com a educação. Este recurso tecnológico é encarado como tendo um valor inestimável, considerando-o um material sócio-histórico e um meio de comunicação repleto de informações das mais variadas possíveis. Para tanto, parte dos gêneros televisuais mais evidenciados pelos alunos, mostrando a sua viabilidade como fonte de aprendizado escolar. Desprovido de qualquer espécie de preconceito, ainda salienta a viabilidade de trazer aos alunos qualquer produção audiovisual, sem restrições, desde que ela esteja inserida dentro uma proposta planejada de trabalho, em plena comunhão com os objetivos delimitados pelo professor.

Vista por este ângulo, a TV figura como uma fonte e não apenas suporte para a abordagem dos conteúdos escolares. Torna-se um objeto de estudo, no qual professor e alunos

tentam desvendar seus mecanismos de transmissão das informações. Para Napolitano, a escola tem o papel de:

(...) pensar o grau de midiabilidade das diversas clientelas e dos indivíduos e grupos sociais envolvidos no trabalho escolar, bem como as diversas formas de recepção dos conteúdos veiculados pela mídia. É preciso pensar a influência da mídia em nossas vidas, reconhecendo não só suas características escapistas, alienantes ou conformistas, como apreendendo suas diversas facetas e os resultados de sua influência sobre a sociedade (NAPOLITANO, 2001, p. 12-13).

Ainda recorrendo-se ao discurso de Napolitano, este autor esclarece sobre alguns equívocos de trabalho encontrados quando os professores estabelecem parcerias entre TV e escola. De forma geral, limitam as potencialidades deste meio, propondo atividades estéreis e que pouco contribuem para o crescimento cognoscitivo dos alunos. Sendo assim, ele nos lança algumas reflexões, propondo dois eixos pelos quais o professor deve direcionar seu trabalho:

Desde já, destacamos que o trabalho com as imagens e conteúdos televisuais será tanto mais profícuo quanto maior for a capacidade de leitura dos alunos. Em outras palavras, não se trata de propor a substituição da palavra escrita por imagens, visando atualizar a escola numa época de crise das suas formas tradicionais. Nem tampouco de utilizar a TV como estímulo e reforço didático-pedagógico para as atividades e conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Aceitando o princípio de que o conteúdo da televisão se desenvolve a partir de um conjunto de linguagens básicas, subdivididas em gêneros específicos de programas, propomos uma espécie de “alfabetização” que cumpra dois objetivos: a) estimular uma reflexão crítica acerca dos conteúdos transmitidos pela TV e b) incorporar parte dos seus conteúdos e programas como fontes de aprendizado, articulando conteúdos e habilidades (NAPOLITANO, 2001, p. 13).

Perante as falas coletas, fica evidente a limitação das professoras ao utilizarem a linguagem da televisão na educação. Muitos conhecem apenas os mecanismos de ligar e desligar o aparelho, mas não sabem as implicações que seu conteúdo imprime à população. *Não basta apenas utilizar, é preciso também entender as novas tecnologias presentes no cotidiano escolar. O professor hoje deve procurar se atualizar e se informar, para não reduzir o espaço de diálogo com seus alunos* (MONTEIRO, BATISTA, 1998, p. 19).

### **Possibilidades de uso**

A mídia televisual está presente em todos os momentos de nossa existência. Ignorar este fato é retroceder no tempo, mantendo uma postura anacrônica e alienada diante do atual contexto. Para atestar a presença marcante da televisão nos lares brasileiros, basta recorrer aos dados estatísticos fornecidos pelo IBGE (Censo 2000), informando-nos que 87,4% das residências em nosso país possuem um aparelho de TV, sendo considerado por muitas famílias como um eletroeletrônico de extrema necessidade e, por isso, seu alcance torna-se ampliado e diversificado, atingindo a todos independentemente da faixa etária ou classe social, graças ao abaixamento progressivo no valor desses aparelhos. Nos domicílios brasileiros, a TV desfruta do status de artigo de primeira necessidade.

Dentro desta ampla discussão, podemos levar em consideração o fato deste contato com o conteúdo televisivo ocorrer desde cedo. Segundo estudos realizados por Pfromm Netto, as crianças têm interesse pela televisão a partir dos seis meses de vida, passando a assistir com maior regularidade a programação por volta dos dois ou três anos de idade (PFROMM NETTO, 1998, p.38). Vale salientar que o consumo televisual infantil está situado na programação destinada ao público adulto, apresentando conteúdo inadequado a essa faixa etária. Algumas pesquisas apontam que 93% das crianças entre quatro (4) e dez (10) anos de idade assistem televisão durante mais de três horas por dia. É praticamente o tempo que a criança disponibiliza para a escola.

Considerando a percepção da TV como elemento atraente e interessante para as crianças, podemos tomar estes dados como ponto de partida para vislumbrar neles alguma possibilidade de utilização em sala de aula. A linguagem audiovisual privilegia e desenvolve as múltiplas atitudes perceptivas, requerendo imaginação e encarando a afetividade como mediadora primordial.

Para incorporar em nossa prática pedagógica a utilização da televisão existe uma infinidade de estratégias salutares. Libâneo aponta alguns encaminhamentos para o trabalho da mídia na escola e suas conseqüências positivas, enfocando que:

[...] as mídias apresentam-se, pedagogicamente, sob três formas: como conteúdo escolar integrante das várias disciplinas do currículo, portanto, portadoras de informação, idéias, emoções, valores; como competências e

atitudes profissionais; e como meios tecnológicos de comunicação humana (visuais, cênicos, verbais, sonoros, audiovisuais) dirigidos para ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, implicando, portanto, efeitos didáticos como: desenvolvimento de pensamento autônomo, estratégias cognitivas, autonomia para organizar e dirigir seu próprio processo de aprendizagem, facilidade de análise e resolução de problemas, etc (LIBÂNEO, 2001, p. 70).

Existem inúmeras estratégias que permitem a introdução da televisão nas atividades da Educação Infantil, permitindo o desenrolar de momentos construtivos e evidenciando o conteúdo midiático de forma crítica. Podem ser estabelecidos elos importantes com a televisão: discutindo-a, como fator motivacional, apoio, pesquisa e novas formas de expressão. Em relação aos procedimentos que nortearão uma proposta de trabalho baseado no emprego dos audiovisuais na educação, Monteiro e Batista a esse respeito listando três vias de interceptação:

É o professor que define a escolha das imagens e o uso que dará a elas no processo pedagógico. Ele poderá utilizar os audiovisuais:

- \* como elemento motivador, antes de uma atividade ou debate;
- \* como apoio a uma explanação oral a uma sistematização escrita;
- \* como fechamento do processo de trabalho, ilustrando e complementando informações já trabalhadas com outros meios (MONTEIRO, BATISTA, 1998, p. 35).

Uma sondagem sobre as preferências televisivas infantis pode servir para direcionar as escolhas dos programas a serem abordados em sala de aula. A amostragem pode ser feita através da elaboração de um pequeno questionário com indagações referentes aos personagens e ao conteúdo dessas produções ou mesmo oralmente. Nessa ficha, além dos gostos pessoais, também poderá ser levantada a recepção desses programas (se os familiares participam das exibições, por exemplo). Caso ainda não estejam alfabetizadas, os registros poderão ser feitos através de desenhos ou utilizando outras formas de representação.

Geralmente as crianças assistem a todos os tipos de programas disponíveis na televisão, não somente aos direcionados a sua faixa etária. Acompanham com assiduidade programas de humor, novelas, filmes, programas de auditório, dentre outros gêneros. A utilização da programação convencional como fonte de informação para problematizar os conteúdos das áreas curriculares pode trazer resultados positivos, através de situações que permitam observar, identificar, comparar, analisar e relacionar acontecimentos, determinados cenários, modos de viver etc.

Além disso, podemos fazer simulações de programas (reprodução), como noticiários, entrevistas, debates, programas de variedade, dentre outros, favorecendo o desenvolvimento de habilidades relacionadas à linguagem oral e escrita e de uma atitude crítica frente ao conteúdo televisivo. Tal iniciativa permitirá as crianças perceberem o processo de produção de um programa, a preparação prévia necessária, a equipe de criação desse trabalho, as possibilidades de manipulação das informações dependendo de que as produz para atender determinados objetivos. Essa medida ampliará a visão de mundo das crianças, preparando-as para ler criticamente os enunciados.

A recontação de uma história vista na TV é outra atividade bastante rica, como forma de desenvolver novos processos de significação explorando, assim, a habilidade lingüística, estimulando o ato de falar e ouvir, podendo também fazer associações com situações semelhantes já vividas. Essa recontação pode vir acompanhada com um toque de criatividade, sugerindo-se a modificação do desfecho da história, permitindo as crianças participar da constituição de uma nova história, conforme a preferência deles.

A imitação de personagens pelos alunos também é recomendada, como forma de exercitar os papéis sociais, problematizando as situações para exercitar hipóteses, curiosidade e tentativas de resolução.

Podem ser elaboradas várias estratégias para análise do conteúdo televisual. Desenhos animados, novelas, seriados, comerciais publicitários devem se transformar em relevantes documentos sócio-históricos, fontes inestimáveis de aprendizado e catalisadora de debates na escola. O importante na criação de novas estratégias para a Educação Infantil é nunca esquecer de estabelecer um clima lúdico e de criação, transformando essa atividade extremamente séria e sistematizada numa tarefa agradável e prazerosa para as crianças. Vale salientar que tais sugestões não devem configurar-se como receitas prontas e acabadas. Elas devem servir como subsídios para a definição de uma maneira particular de utilizar a TV e o vídeo no espaço da Educação Infantil.

E, para confirmar e assegurar as afirmações acima desenvolvidas, consultando Martin Barbero percebe-se que por meio da leitura crítica de imagens podemos entender como nossas experiências e nossa identidade são socialmente construídas (MARTÍN BARBERO, 1999, p. 20). Podemos também aprender a apreciar, decodificar e interpretar as imagens, buscando compreender a sua construção e as maneiras que elas interferem em nossas vidas. Podemos

debater sobre aquelas que nos induzem a uma visão de mundo, a um estilo de vida, que são compatíveis com o modo capitalista de consumo.

Desta feita, acreditamos no papel revolucionário da escola, congregando em sua proposta de formação a educação para as mídias e, em particular, da televisão, contando com o apoio incondicional da família, dos professores e demais integrantes da comunidade escolar. A leitura de imagens constitui-se numa atividade rica e criativa, levando os educando a compreensão das mensagens empregadas de forma subliminar pela mídia, percebendo as intenções que permeiam essas produções visuais. Uma proposta dessa natureza acredita na fusão entre educação e comunicação em uma mesma *episteme*, capaz de proporcionar uma libertação dos sujeitos, assegurando o acesso de todos a uma educação de qualidade e a compreensão das tecnologias disponíveis.

### Referências

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1990.

KEHL, Maria Rita. Imaginário e pensamento. In: Mauro Wilson de Souza (Org.) **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Novos Regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: **Mediatamente!** Televisão, cultura e educação. Brasília. Ministério da Educação, SEED, 1999.

MONTEIRO, Marialva, BATISTA, Lucinéia. **Trama do olhar: Cadernos da TV Escola**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam: Mídia e aprendizagem**. Campinas, SP: Alínea, 1998.